

Ilhas ao Largo

O Brasil de Alto Mar

estadao.com.br

CAPÍTULO 1 - ATOL DAS ROCAS

"... Navegamos assim muito tempo, entre tormentos sucessivos, até cerca de duzentas léguas do continente. Avistamos então uma ilha deserta, redonda como uma torre e que, na minha opinião, tinha mais ou menos meia légua de circuito. Costeando-a pela esquerda observamos que a ilha era verdejante de vegetação, embora em pleno mês de janeiro, e dela saiu uma multidão de aves, muitas das quais vinham pousar nas mestras e cordejos do navio, deixando-se apanhar com a mão e de longe parecia esta ilha um pombal. Havia pássaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras cores que, no vôo pareciam grandes, mas, deitados, não eram maiores do que um pardal".

Jean de Lèry, Janeiro de 1558.

AO SABOR DAS MARÉS

No horizonte, a mancha é comprida e baixa. Sem recortes, nem relêvo. Nem parecem terras à vista. A forma lembra antes um navio cargueiro, passando ao largo. Mas é um grande anel calcário sobre o pico de uma montanha vulcânica submarina - o único atol do Oceano Atlântico Sul - com 500 metros de raio; duas ilhas de areia e rala vegetação; uma laguna no meio e milhares de aves em revoada, no chão, nas pedras, sobre as ondas. O olhar dos navegantes só reconhece o Atol das Rocas quando ele já está muito próximo. Muitas vezes próximo demais: terror das antigas rotas de caravelas, os recifes inesperadamente rasos ainda hoje arrombam cascos e fazem naufrágos. Apesar da precisão das cartas marítimas, apesar do farol automático e de uma história fartamente conhecida de barcos afundados.



Sem grandes rochedos emersos, o Atol das Rocas é difícil de se avistar ao longe, o que já provocou diversos naufrágios.

Para quem passa atento e ileso pelas águas agitadas do entorno e desembarca em terra como visitante, o Atol é um paraíso. Na vegetação rasteira, as aves residentes disputam espaço para fazer ninhos e criar os filhotes, enquanto as migratórias pousam para descansar, em meio às longas jornadas intercontinentais. Nas areias brancas, as marés traçam grafismos e apagam as poucas pegadas, deixando a cada um a impressão de ser o primeiro. Debaxo d'água, a quantidade de peixes impressiona pescadores e aventureiros, literalmente, há séculos. A forma de anel, a proteção dos recifes, a presença de algas e colônias de corais, alimento e abrigo no meio do oceano, favorecem o estabelecimento de inúmeras espécies vegetais e

animais. À raridade das águas rasas em meio aos abismos atlânticos acrescenta-se ainda a passagem da corrente Sul Equatorial, que orienta os cardumes provenientes das costas africanas para o Golfo do México e para o litoral nordestino.

É por tudo isso que o Atol das Rocas foi declarado Reserva Biológica Marinha, em 5 de junho de 1979, pelo decreto-lei 83.549, e reconhecido como Sítio do Patrimônio Natural Mundial pela

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 13 de dezembro de 2001.

As reservas biológicas protegem sobretudo a fauna e são teoricamente fechadas ao turismo e a qualquer tipo de exploração econômica. Teoricamente porque é muito difícil evitar a presença de pescadores, navios e veleiros nos 36 mil hectares de área protegida, incluindo as terras emersas e as formações calcárias submarinas. Sobretudo quando isso tudo está localizado a cerca de 145 milhas náuticas (270 km) da costa mais próxima - a do Rio Grande do Norte - e a 90 milhas náuticas (ou 166,5 km) de Fernando de Noronha, a única ilha habitada da região.

Pela legislação brasileira em vigor, para descer no Atol ou mergulhar em suas águas é preciso ter uma autorização do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, IBAMA. Até 1993, essa exigência era simplesmente ignorada pela grande maioria dos navegantes e curiosos, pois a fiscalização era nula. Em 93, o IBAMA fez um esforço para construir um posto permanente e manter um revezamento de equipes voluntárias. Mesmo assim, nem sempre é possível conter os invasores.



Um anel de recifes protege a laguna interior, favorecendo o estabelecimento de várias espécies marinhas.

As expedições dos veleiros Iemanjá e Don Silvano, de onde saíram as fotos destas páginas, percorreram os cansativos caminhos burocráticos. Autorização na bagagem, o Iemanjá deixou o Arquipélago de Fernando de Noronha só na vela, num entardecer de sol quente, em pleno maio. À noite, as nuvens encobriram as estrelas e o dia seguinte também amanheceu nublado. Numa grande travessia, não tem grande importância passar um dia ou dois com o céu encoberto por nuvens e sem condições para observações astronômicas. Mas numa travessia de 90 milhas náuticas, a falta de condições para observar os astros poderia significar passar ao largo do Atol. Baseados somente na navegação estimada, os tripulantes do Iemanjá não

tinham idéia precisa de sua localização.

A luz do farol, intensamente procurada, não aparecia. A faixa de terra do Atol tem menos de 3 metros de altura acima do nível do mar e mesmo as ruínas do farol velho e a torre de 18 metros do novo, durante o dia, só são visíveis a 10 milhas (18,5 km) de distância. Com boa parte da tripulação constituída por marinheiros de primeira viagem, não era desprezível a probabilidade de "pequenos enganos" dos timoneiros a bordo. Mas trinta e seis horas de ventos fracos e mar calmo depois de deixar Noronha, o veleiro fundeava no Atol das Rocas.

Quanto menor a distância entre o Iemanjá e Rocas, maior o número de aves planando sobre as duas ilhas: a do Farol e a do Cemitério. O vento hesitante da travessia soprou em condições perfeitas para a ancoragem. O comandante fundeou o veleiro no lado oeste do Atol, junto à Ilha do Farol, onde as pedras formam um pequeno quebra-mar, não indicado nas cartas náuticas. O desembarque foi tranqüilo, graças, de novo, à falta de vento e ao mar calmo. O cenário compensou a paciência. As cores do mar, na lagoa interna e nas águas do entorno, de um turquesa indescritível, roubam a cena. A maré baixa deixa piscinas transparentes no interior do Atol, com paredes de vermetos e corais e pedra e peixes de todas as cores e tamanhos: imensos aquários que se renovam a cada maré, a cada mergulho, a cada passo. Mesmo os grandes tubarões e arraias ficam retidos nas armadilhas das marés, junto com os pequenos sargentos e frades exuberantes.

Embora a exploração terrestre exercesse intensa atração sobre os visitantes, a hora do mergulho chegou com o sol a pino. Quatro dos tripulantes do Iemanjá submergiram, dois a dois, nas lagoas internas, formadas pela maré baixa. Eram gigantescos aquários, povoados por cardumes de peixes amarelos, azuis, vermelhos e enormes arraias-manteiga, descansando no

fundo, cobertas com areia, abrindo e fechando largas guelras. Os quatro desceram, em seguida, no mar de fora, para o mergulho autônomo nas proximidades do barco. As condições não eram tão boas quanto o esperado, No outono, as chuvas são mais freqüentes e perturbam a transparência das águas, dando-lhes um aspecto leitoso.

Mesmo assim, os mergulhadores desceram até estruturas do fundo, cheias de fendas, onde brincam de esconder peixes e lagostas. Âncoras presas nessas fendas, com cabos cortados, indicavam a pressa de alguns barcos, em deixar a vizinhança dos recifes, para buscar a segurança do alto mar. De volta ao Iemanjá, após o mergulho, os visitantes assistem à transformação da paisagem: sobe a maré, a população das lagoas se liberta, desaparece metade das areias, aumenta a força da arrebentação.

Chega a noite, mas não o silêncio. O grasnar agudo e caótico das aves não acaba com o final do dia. Vara a madrugada e amanhece sem mudar de intensidade. O farol - tão procurado na noite anterior, para a aproximação - simplesmente não acende. O painel solar que alimenta suas baterias transformou-se num atraente poleiro e, em pouco tempo, acabou coberto de guano (esterco) e com a luz solar bloqueada.

De manhã, as ilhotas são percorridas ainda uma vez mais, com a promessa íntima de voltar um dia, quem sabe com mais tempo O vento soprava forte e o Iemanjá levantou âncoras, zarpando em direção a Fortaleza, no Ceará. Rápido demais, o Atol das Rocas foi desaparecendo atrás da esteira do barco, quase uma miragem transformada em espuma.

UMA HISTÓRIA DE TEIMOSIA

Atóis são vitórias da vida sobre a fúria do mar. O Atol das Rocas, como seus pares do Pacífico e do Caribe, surgiu da teimosia de minúsculos seres, que fazem e habitam os recifes calcários contra a força erosiva das marés e a energia destruidora das ondas.

Rocas tem sua origem na mesma, imensa, fratura perpendicular à cadeia Dorsal Atlântica, de onde emergiu o arquipélago de Fernando de Noronha. Também é o cume de um imenso edifício vulcânico, cuja base se perde no abismo atlântico. A diferença é de algumas centenas de metros: enquanto as pontinhas de um pequeno trecho da cratera original de Fernando de Noronha emergiram, formando o arquipélago, as bordas mais altas do vulcão Rocas ficaram no nível do mar. Com o tempo, as ondas quebraram as rochas mais altas, até reduzir todo o cume para alguns metros - dois ou três - abaixo da superfície do mar. Pouco abaixo da linha das marés, a violência das ondas já não pode muito e ainda há luz suficiente para que a vida se instale.



Cinco espécies de aves residentes e 25 migratórias têm no atol um porto permanente.

Colônias de incontáveis seres chamados vermetos ocuparam, então, as rochas vulcânicas erodidas, elevando com seu emaranhado de "conchas" as bordas dos recifes ao nível do mar. Da briga incessante das águas contra essas estruturas calcárias surgiram as falsas areias do Atol, de um branco característico. Elas são chamadas de falsas porque não derivam de rochas cristalinas trituradas pelas ondas, não tem quartzo, mas apenas o calcário moído dos "esqueletos" de vermetos e corais mortos. De qualquer modo, falsas ou não, as areias dos atóis estabilizam a faixa de recifes emersa, geralmente na forma de um círculo ou semicírculo, com uma laguna no meio. Em Rocas, as areias acumularam-se em duas faixas, em forma de anel aberto, formando a Ilha do Farol e a Ilha do Cemitério.

Com o tempo, a estabilização das areias viabilizou a colonização de plantas rasteiras, basicamente capins e beldroegas, que hoje abrigam os ninhos das aves. Essas plantas às vezes vem de carona nas patas das aves migratórias, mas, mais freqüentemente, desgarram-se de outras ilhas e são carregadas pelo mar, estabelecendo-se onde encontram solos.

Na fratura geológica da qual fazem parte Fernando de Noronha e o Atol das Rocas, existem várias outras montanhas submersas, alinhadas à altura de Fortaleza, na costa cearense. Seus cumes ficam entre 20 e 30 metros abaixo da superfície marinha. Nos últimos 100 mil anos - durante as várias glaciações - o mar chegou a ficar cerca de 100 metros mais baixo e elas formavam uma seqüência de ilhas, mais ou menos próximas umas das outras. Foi esse o caminho percorrido pelas espécies de flora e fauna até Noronha e Rocas: durante milhares de anos, elas foram pulando de ilha em ilha, vingando onde o terreno era fértil e havia abrigo e alimento; perdendo-se onde a rocha pura excluía a vida. Ao final das eras glaciais, o nível do mar voltava a subir e quase todas as ilhas submergiram. Sobreviveram as espécies fixas nas terras emersas de Fernando de Noronha e do Atol das Rocas. Com menos altura e menos condições do que Noronha, o Atol garantiu menor diversidade e espécies menos nobres, de flora e fauna.

Hoje, nos sete quilômetros quadrados do Atol das Rocas vivem, durante todo o ano, cinco espécies de aves residentes: dois atobás (*Sula dactylatra* e *S. leucogaster*), um trinta-réis (*Sterna fuscata*) e duas viuvinhas (*Anous stolidus* e *A. minutus*). Além delas, há 25 espécies migratórias, que tem no exíguo espaço do atol um porto de descanso em meio às longas rotas migratórias intercontinentais. Passam por Rocas espécies originárias da Venezuela, da África, e até maçaricos provenientes da Sibéria.

Embora o número de visitantes no Atol ainda seja maior do que o desejado e mesmo superior ao permitido, só existe uma base do Ibama nas ilhas e as aves ficam entre si a maior parte do tempo. Sem o stress provocado pelos visitantes humanos e sem disputar com os homens o espaço de terra firme, as aves podem manter colônias maiores, criar seus filhotes em paz, limitadas apenas pela quantidade disponível de comida - e quanto a isso não há problema algum - e pela capacidade em garantir seu espaço - e isso faz de algumas espécies seres extremamente agressivos, sempre prontos a defender seus ninhos.



As praias de areias muito brancas, do atol, derivam do calcário moído de "esqueletos" de vermetos e corais mortos."

Para fotografar sem causar grandes revoadas, é preciso rastejar muito devagar, apoiando nos cotovelos. Quando uma pessoa se aproxima de pé ou mesmo agachada, as aves tomam posição de defesa contra tão grande intruso, de passos estremecedores. O pior é que, ao defender seus ninhos, muitas aves perdem o controle sobre seus movimentos bruscos, pondo em riscos os próprios ovos.

Felizmente as visitas são poucas e nem todos circulam com máquinas nos "berçários" de terra firme. No Atol das Rocas também não se introduziu nenhuma espécie potencialmente predadora - como o trágico caso do lagarto teiú nas duas maiores ilhas de Fernando de Noronha.. Ratos e camundongos foram

inadvertidamente introduzidos no Atol e lá proliferaram, conforme os relatos de faroleiros e de alguns naufragos dos últimos anos. Escorpiões, baratas e outras pragas também. Eles viajam clandestinos nos barcos e navios, escondidos nos suprimentos ou nas cargas. Mas, até agora, essas espécies urbanas intrometidas não ameaçam diretamente os ovos ou as aves, embora disputem espaço e possam futuramente interferir equilíbrio ecológico das ilhas, com seus ecossistemas sempre mais frágeis do que os continentais, dado o isolamento e a exiguidade do ambiente.

Se na parte terrestre o equilíbrio é frágil e pode limitar ou pôr em risco a diversidade de espécies, debaixo d'água a história é um pouco diferente. Justamente por se tratar de uma montanha isolada, em meio a mares profundos e longe da costa, o Atol das Rocas é ideal para peixes de todos os tamanhos, moluscos, crustáceos, tartarugas. Nada menos que 98 espécies de algas, 54 de peixes, 44 de moluscos, 24 de crustáceos e 2 espécies de tartarugas já foram identificadas ali. O número de espécies é pequeno, se comparado aos costões continentais, mas há uma enorme população de cada espécie. Limitam a diversidade submarina, as águas claras da corrente Sul Equatorial, proveniente da África. Por atravessar grandes extensões de oceano, a corrente perde a meio caminho sua carga de nutrientes (e até por isso tem águas claras). A baixa concentração de nutrientes elimina, sobretudo, os seres que vivem de filtrar a água como os mariscos, ostras e outras conchas. Em compensação, todos os outros, capazes de ali se instalar, reproduzem-se às centenas e garantem a abundância.

Todos esses animais e plantas precisam de um meio físico para fixar residência, manter ninhos, tocas, abrigos, retirar alimento. Um edifício vulcânico cheio de reentrâncias, frestas e patamares, que, além de tudo, aflora à superfície, abriga todos os gostos e necessidades. E monta-se uma teia alimentar, simplificada, mas semelhante a um grande condomínio marinho, tranqüilo, protegido e, sobretudo, relativamente distante das redes dos homens, cada vez mais freqüentes nas zonas costeiras.

O DESAFIO DE MANTER A VIDA

A história dos homens no Atol das Rocas é pontuada por lendas, naufrágios, mortes e até fantasmas. Não há registros claros de quem descobriu essas terras perdidas, talvez porque o descobridor tenha também ido ao fundo. Alguns autores atribuem a descoberta a Gonçalo Coelho, em 1503, na mesma expedição em que ele descobriu Fernando de Noronha. O que se sabe, com certeza, é que os navegadores do século XVI já temiam seus recifes rasos.

Apesar de tal temor generalizado, persistente mesmo depois de iniciada a era dos barcos e navios a motor, a localização precisa e o registro das coordenadas exatas do Atol das Rocas, nas cartas de navegação, só aconteceu neste século, em 1957, o Ano Geofísico Internacional. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, o atol manteve centenas de comandantes de olhos abertos, noite e dia, durante a travessia entre a costa brasileira e o arquipélago de Fernando de Noronha. Mesmo atentos ao menor sinal de espuma, muitos deles foram enganados pelas miragens - de mar agitado com cansaço, de brumas espessas com sono - e acordaram tarde demais, quando os cascos já faziam água.



A localização precisa do Atol das Rocas nas cartas de navegação só ocorreu em 1957. Antes disso, muitos barcos foram ao fundo, desavisados do perigo.

Além dos problemas com a visibilidade, boa parte dos acidentes é atribuída às correntes marítimas. Os barcos provenientes da costa africana e da Europa, sobretudo veleiros, são empurrados pela corrente Sul Equatorial direto para os recifes, que circundam toda a ilha. A corrente é mais forte no fim de setembro/início de outubro e fim de março/início de abril, quando os ventos alísios de sudeste e noroeste convergem sobre a linha do Equador. A corrente atinge, então, velocidades de até 1,5 a 2 nós. Muitos dos naufrágios aconteceram nestes períodos. Entre 1803 e 1890, a história registrou seis grandes naufrágios de navios. Quatro deles ocorreram em outubro, um em março.

O naufrágio mais famoso desta época foi o do *Duncan Dubar*, navio inglês com 117 tripulantes e passageiros a bordo, a maioria emigrantes saídos de Plymouth, Inglaterra, com destino a Sidney, na Austrália. O *Duncan Dubar* alcançou a corrente equatorial ao desviar das calmarias. Acabou com o leme destruído e um enorme rombo no casco, na noite de 7 de outubro de 1865, ao se chocar contra os recifes do Atol. Homens, mulheres e crianças só abandonaram o navio

na manhã seguinte, quando a fúria das ondas já havia destruído também parte do costado. Apinhados nos escaleres, atravessaram milagrosamente ilesos a arrebentação e desembarcaram na areia, onde permaneceram 10 dias. O resgate só aconteceu graças a um gesto heróico do comandante, capitão Swanson, que deixou o Atol num escaler com mais seis de seus marinheiros, para seguir rumo à costa brasileira. Em cinco dias, eles chegaram ao litoral pernambucano e tiveram a sorte de encontrar outro navio inglês, o *Oneida*. Arriscando afundar por superlotação, o *Oneida* embarcou todos os náufragos - arruinados, mas vivos - e com eles empreendeu a longa jornada de volta à Inglaterra, sem novos incidentes.

Em 1883, a instalação do primeiro farol reduziu o medo dos navegantes, mas deu asas às lendas de morte, nascidas da solidão dos faroleiros. Uma das línguas de areia ganhou o nome de Ilha do Cemitério, porque ali foram enterrados os faroleiros, seus familiares e os náufragos. A ausência de fontes de água doce colocava a vida dos faroleiros na precária dependência do abastecimento do continente ou na esperança de chuvas para encher as cisternas. Na virada do século, mulher e filhos de um dos faroleiros teriam morrido de sede, porque uma das crianças deixou a torneira da cisterna aberta até secar. O faroleiro, desesperado, tocou fogo na casa, para ver se atraía algum navio, mas o socorro chegou tarde e só ele sobreviveu. Conta ainda a lenda que as almas da mulher e das crianças estariam presas à ilha de sua desgraça e, à noite, assombram os visitantes, pedindo água.

As luzes dos faróis - tanto o tradicional como o automático - diminuíram os naufrágios, mas não os eliminaram. Ainda hoje o recifes traem a atenção dos timoneiros e interrompem bruscamente os sonhos de viagem. Em 26 de junho de 1979, naufragou o *Mon Ami*, um veleiro de 13 metros e dois mastros. Seus tripulantes, três sul africanos e uma australiana, passaram 21 dias num acampamento improvisado no Atol, dividindo as provisões do seu veleiro e a água da chuva com ratos, camundongos, escorpiões e baratas. Involuntariamente introduzidos pelo homem em Rocas, esses típicos representantes da fauna urbana alimentam-se de plantas rasteiras e restos de comida, abandonados pelos pássaros e visitantes humanos, que, como os seres irracionais, também espalham lixo em torno da própria casa, mesmo sendo esta uma barraca temporária em meio a uma paisagem paradisíaca. O lixo dos navios e dos naufrágios, também chega às praias de Rocas e garante vida farta aos animais especialistas em detritos.



O mar azul turquesa e a imensa distância da costa soam como sinônimos de paraíso e liberdade, mas já foram o terror de muitos náufragos.

No naufrágio do *Mon Ami*, a tripulante australiana - Eunice Toussaint - relata o terror de acordar com um camundongo enroscado nos cabelos e a batalha contra os ratos e escorpiões, um dos quais mordeu o sul africano Dorrier Kewon. Às vezes, segundo o diário, também as aves vinham remexer a comida dos náufragos, na esperança de safarem-se da pesca diária. Apesar dos insistentes sinais de socorro pelo rádio, dos salva-vidas jogados ao mar com pedidos de ajuda, dos acenos dirigidos a um avião no oitavo dia, os náufragos do *Mon Ami* só foram resgatados no dia 16 de julho por uma corveta da Marinha brasileira, após a passagem de mais um avião e da comunicação via rádio com um petroleiro norueguês, visível no horizonte. O petroleiro retransmitiu o pedido de socorro à Marinha, que estava

fora do alcance do rádio dos náufragos.

Em 1982, mais um veleiro, o *Taurus De*, de 12 metros, fez água nos recifes do Atol das Rocas, obrigando quatro franceses a uma estadia forçada de uma semana na Ilha do Farol. Eles fizeram uma tenda com a vela do barco e queimaram o resto dos panos e madeira. As fogueiras foram vistas por pilotos da Força Aérea Brasileira, no retorno de Fernando de Noronha, e o resgate dos náufragos ocorreu no dia seguinte, pela mesma corveta da Marinha.

A partir dos anos 90, os candidatos a Crusoé puderam dispensar as velas e ter abrigo certo em duas casas de madeira pré-fabricadas, instaladas ao lado das ruínas do antigo farol, para as equipes de voluntários, no revezamento de fiscalização do Ibama. A preocupação maior dessas equipes é com a ousadia crescente dos pesqueiros industriais nas águas de pesca proibida, além de eventuais vazamentos de diesel e outros poluentes, às vezes trazidos de alto-mar pelas correntes. A ameaça nuclear parece afastada - pelo menos a intenção absurda de enterrar lixo atômico ali, cogitada por autoridades governamentais em 1982 - mas nunca há uma garantia total, com a manutenção das usinas nucleares de Angra dos Reis e a produção de um lixo ainda sem destino. Como se vê, apesar dos fantasmas e do terror, que se tornou sinônimo do Atol para tantos navegadores do passado, o que realmente ainda assombra suas praias é o comportamento do bicho-homem.